
Sugestões para Elaboração de Resenhas Científicas

RESENHA

Resenha é um tipo de resumo, uma forma de reunir e apresentar, por escrito, de maneira concisa, coerente e freqüentemente seletiva, as informações básicas de um texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância.

O RESENHISTA lê uma obra ou texto, sublinha os fatos importantes, analisa-os e interpreta-os de forma crítica, pois a resenha tem por finalidade informar, de maneira objetiva, acerca de determinado assunto, evidenciando a contribuição do autor, mostrando novas abordagens, novos conhecimentos, novas teorias e, ao mesmo tempo, apontando o que considera falhas e erros de informações, bem como tecendo elogios aos méritos da obra, sem, contudo, emitir um juízo de valor ou deturpar o pensamento do autor.

Logo, a resenha é de suma importância ao leitor, pois apresenta uma síntese das idéias fundamentais de uma obra, tendo em vista a explosão da literatura técnica e científica e a exigüidade de tempo.

ROTEIRO PARA RESENHA DE UM LIVRO

- II NOME DA OBRA
- II EDITORA
- II AUTOR DA OBRA
- II PRIMEIRA IMPRESSÃO SOBRE A OBRA
- II INDICAÇÃO RESUMIDA DO ASSUNTO GERAL DA OBRA
- II RESUMO DA OBRA
- II OPINIÕES CRÍTICAS

"RESENHA é uma descrição minuciosa que compreende certo número de fatos. RESENHA CRÍTICA é a apresentação do conteúdo de uma obra. Consiste na leitura, no resumo, na crítica e na formulação de um conceito de valor do livro feito pelo resenhista. Resenhas normalmente são publicadas em periódicos, e o objetivo é difundir as idéias básicas contidas na obra. É uma forma de promover junto ao público determinadas obras que poderiam permanecer despercebidas nas livrarias e bibliotecas." (LAKATOS, 1991)

A resenha deve seguir a seqüência do texto. Devem ser mencionados os capítulos e, se for o caso, as páginas. O objetivo é apresentar uma síntese das idéias contidas na obra.

São requisitos básicos para elaboração de uma resenha:

- II conhecimento da obra;
- II competência na matéria;
- II capacidade de juízo de valor;
- II independência de juízo;
- II correção e urbanidade; e
- II fidelidade ao pensamento do autor.

Sugestões para Elaboração de Resenhas Científicas

ESTRUTURA DA RESENHA

Segundo LAKATOS (1991), a resenha crítica¹ deve apresentar a estrutura descrita a seguir:

1. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Π AUTOR
- Π TÍTULO
- Π IMPRENSA (LOCAL DA EDIÇÃO, EDITORA, DATA)
- Π NÚMERO DE PÁGINAS

2. CREDENCIAIS DO AUTOR

- Π INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O AUTOR
- Π AUTORIDADE NO CAMPO / ASSUNTO
- Π QUEM FEZ O ESTUDO?
- Π QUANDO? POR QUÊ? ONDE?

3. CONHECIMENTO - RESUMO DAS IDÉIAS PRINCIPAIS

- Π DE QUE TRATA A OBRA? O QUE DIZ?
- Π POSSUI ALGUMA CARACTERÍSTICA ESPECIAL?
- Π COMO FOI ABORDADO O ASSUNTO?
- Π EXIGE CONHECIMENTOS PRÉVIOS PARA ENTENDÊ-LA?

4. CONCLUSÃO DO AUTOR

- Π O AUTOR FAZ CONCLUSÕES OU NÃO?
- Π ONDE FORAM COLOCADAS (FINAL DO LIVRO OU DOS CAPÍTULOS)?
- Π QUAIS FORAM?

5. QUADRO DE REFERÊNCIAS DO AUTOR

- Π MODELO TEÓRICO
- Π QUE TEORIA SERVIU DE EMBASAMENTO?
- Π QUAL O MÉTODO UTILIZADO?

6. APRECIÇÃO (mais voltada para a RESENHA CRÍTICA)

A) JULGAMENTO DA OBRA:

COMO SE SITUA O AUTOR EM RELAÇÃO:

- Π ÀS ESCOLAS OU CORRENTES CIENTÍFICAS, FILOSÓFICAS, CULTURAIS?
- Π ÀS CIRCUNSTÂNCIAS CULTURAIS, SOCIAIS, ECONÔMICAS, HISTÓRICAS, ETC.?

B) MÉRITO DA OBRA:

- Π QUAL A CONTRIBUIÇÃO DADA?
- Π IDÉIAS VERDADEIRAS, ORIGINAIS, CRIATIVAS?
- Π CONHECIMENTOS NOVOS, AMPLOS, ABORDAGEM DIFERENTE?

C) ESTILO:

- Π CONCISO, OBJETIVO, SIMPLES?
- Π CLARO, PRECISO, COERENTE?
- Π LINGUAGEM CORRETA?

D) FORMA:

- Π LÓGICA, SISTEMATIZADA?
- Π HÁ ORIGINALIDADE E EQUILÍBRIO NA DISPOSIÇÃO DAS PARTES?

E) INDICAÇÃO DA OBRA:

- Π A QUEM É DIRIGIDA: GRANDE PÚBLICO, ESPECIALISTAS, ESTUDANTES?

¹ A estrutura descrita não é rígida e está mais voltada para resenhas de obras científicas.

Sugestões para Elaboração de Resenhas Científicas

EXEMPLO DE RESENHA

RESENHA DO LIVRO "FIM DOS EMPREGOS" DE JEREMY RIFKIN

Em "*O Fim dos Empregos*", Jeremy Rifkin apresenta uma visão preocupante do futuro. O autor argumenta que o mundo está entrando em um novo período da história. Após as previsões otimistas, acerca do século XXI, de Alvin Toffler, em "*A Terceira Onda*", e Marshall Mc Luhan, com sua "*Aldeia Global*", Rifkin esboça um futuro não tão maravilhoso: *a sociedade caminhando para o declínio da disponibilidade de empregos*.

Esta nova fase, chamada por Rifkin de *A Terceira Revolução Industrial*, seria o resultado do surgimento de novas tecnologias, como o processamento de dados, a robótica e as telecomunicações que, aos poucos, vão alocando máquinas às atividades anteriormente efetuadas por seres humanos. De fato, o que vemos hoje, como um prenúncio das previsões de Rifkin, é a automação em escritórios, no comércio e na indústria em níveis impressionantes. Computadores fazem o trabalho de dezenas de seres humanos, robôs, de milhares, e a custos infinitamente inferiores, sem férias, dores de cabeça, TPM nem benefícios previdenciários.

A mais sombria previsão de Rifkin é a de que os postos de trabalho perdidos pelo ser humano para as máquinas nunca mais serão recuperados. Rifkin desmistifica em seu livro todos os paradigmas promovidos pelos interesses de empresários que, ao automatizar seus empreendimentos, pretendiam estimular o crescimento econômico e aumentar o bem-estar de toda a sociedade, ... mas a que custo social?

Rifkin afirma que a automação proveniente de máquinas sofisticadas e computadores de última geração oferece um ganho em produtividade e redução de custos que, a princípio, oferece a falsa impressão de que mais pessoas poderão entrar no mercado de consumo e adquirir bens. O mesmo produto inacessível à maioria dos consumidores, décadas atrás, hoje estão nas prateleiras a preços acessíveis. Mas a questão é: se as pessoas estarão desempregadas, qual será o preço justo a se cobrar por um produto?

A idéia de que automação gera maior produtividade, preços mais baixos, maior demanda, aumento de produção e, conseqüentemente, maior oferta de empregos é rejeitada por Rifkin. O autor alerta que tal cadeia é incorreta na sua conclusão: atualmente, a produção não aumenta o nível dos empregos, mas traz mais automação, o que reduz a disponibilidade de trabalho para os seres humanos.

Na realidade, estaríamos presenciando, neste início de século, um declínio sem precedentes no nível dos empregos e uma drástica redução do poder aquisitivo da grande maioria da população mundial.

O autor faz uma análise metódica de como a tecnologia afetou e continua afetando a forma como as pessoas têm realizado suas tarefas na agricultura, na indústria e nos setores de serviço neste início de milênio. Cada inovação, afirma Rifkin, traz um aumento de produtividade, mas coloca à margem do mercado de trabalho milhares de operários cujas funções passaram a ser redundantes e desnecessárias com a nova tecnologia.

No passado, afirma Rifkin, as "vítimas" do desemprego gerado por novas tecnologias eram absorvidas por outros setores do ciclo laboral. Desempregados da indústria de alta tecnologia iam para a indústria de baixa, os de baixa para os serviços, os de serviços para a construção, os de construção para a agricultura e assim sucessivamente. Com tecnologia de ponta até na agricultura, como as ceifadeiras e colheitadeiras automáticas, milhares de trabalhadores estão sendo substituídos por duas ou três máquinas que fazem o mesmo trabalho a um custo inferior e em turnos ininterruptos.

No livro "*O Fim dos Empregos*", Rifkin relaciona diversos empregos e funções que foram ou estão sendo paulatinamente substituídos pela automação. Os bibliotecários, por exemplo, estão sendo

Sugestões para Elaboração de Resenhas Científicas

substituídos por sistemas de busca eletrônicos, que localizam em segundos a informação que o leitor deseja. Falando em livros e apesar de acreditarmos que a criatividade humana nunca será substituída por *chips*, Rifkin nos informa acerca do primeiro *livro escrito por um computador*, lançado em 1993 nos Estados Unidos. Intitulado "*Just this Once*" (*Apenas desta vez*, em tradução livre), o livro teve 75% do seu texto criado por um computador com softwares de inteligência artificial e vendeu, na sua primeira edição, 15 mil exemplares, duas a três vezes o que qualquer livro "comum" vende no Brasil em sua primeira edição.

Algo relativamente confortante, no entanto, é previsto por Rifkin: por mais que o nível de empregos decline, nem todos estarão desempregados na nova sociedade baseada na informação. Para ele, um pequeno número de trabalhadores do setor da informação e do conhecimento irá prosperar, já que o este "*know-how*" será cada vez mais necessário na criação, desenvolvimento e manutenção dos equipamentos necessários à automação. Os profissionais da tecnologia e do conhecimento se tornariam uma nova elite da sociedade.

Apesar de que alguns novos trabalhos serão criados pelas novas tecnologias, Rifkin afirma que essas novas oportunidades não serão suficientes para absorver o crescimento vegetativo da população, muito menos daqueles que perderam seus empregos devido à própria tecnologia.

Outro setor que irá sobreviver na nova economia global será o da alta administração. Rifkin nos oferece dados que demonstram que o segmento dos altos executivos foi o de maior elevação de rendimentos nos últimos 50 anos. O mais preocupante é que o salário de um CEO (*Chief Executive Officer*) nos Estados Unidos saltou de 29 vezes o salário de um operário, em 1979, para 93 vezes, em 1988.

As vagas que estão desaparecendo, principalmente nos níveis mais baixos da produção, poderão, segundo Rifkin, afetar as taxas de criminalidade nos países mais desenvolvidos, já que o desempregado, sem esperança, afluirá às ruas em atitudes de descontentamento e violência.

Rifkin afirma que o valor intrínseco do salário do ser humano está se tornando cada vez menos importante no processo de produção e que novas formas de distribuição dos lucros da implementação da automação terão que ser criadas nos próximos anos. Primeiramente, os dramáticos avanços em produtividade terão que gerar a redução de horas trabalhadas e o aumento de salários. Infelizmente, a tendência nos últimos anos demonstram o contrário: os americanos estão paradoxalmente trabalhando mais e recebendo cada vez menos participações nos lucros das empresas em que trabalham.

Tal fenômeno, observa Rifkin, é resultado da introdução da tecnologia, que tem possibilitado às empresas demitir milhares de trabalhadores, criando um verdadeiro exército de desempregados. Os que permanecem nos empregos se sentem compelidos a trabalhar cada vez mais, por salários cada vez menores. As empresas que se autodenominam "competitivas" têm optado por trabalhar com uma folha de pagamentos cada vez menor, obrigando os trabalhadores a produzir mais.

A segunda solução proposta por Rifkin para contra-atacar os impactos criados pela tecnologia caberia aos governos, que deveriam proporcionar um maior apoio ao que Rifkin chama de *terceiro setor*, no qual, diferentemente do setor comercial, as mudanças de ganhos e perdas são menos importantes, e o que mais importa é o aspecto social.

Rifkin utiliza o exemplo dos Estados Unidos, onde, atualmente, um milhão e quatrocentas mil organizações sem fins lucrativos contribuem com aproximadamente 6% da economia e são responsáveis por 9% dos empregos no país.

O aspecto sombrio do livro de Rifkin se reflete em algumas previsões. A mais terrível é a de que 2020 será o ano em que virtualmente se esgotarão as possibilidades de novos empregos nos países industrializados do planeta. Teríamos, portanto, pouco mais que uma década e meia para nos prepararmos para um mundo quase completamente automatizado e, assim, entrarmos na temida era do "fim dos empregos".

Sugestões para Elaboração de Resenhas Científicas

EXEMPLOS DE RESENHA CRÍTICA

No artigo “*O Brasil e seu Labirinto*” de autoria do senador José Sarney, publicado no Correio Braziliense em 12 de dezembro de 1996, o ex-presidente faz uma avaliação do neoliberalismo, surgido como fruto do antigo antagonismo entre capitalismo e comunismo, do conseqüente fenômeno da globalização e da inserção dos países em desenvolvimento - o Brasil, em especial - nessa nova ordenação social, econômica, cultural e política mundial. Nesse sentido, critica a relação distorcida e desigual na qual os países em desenvolvimento, na busca de um espaço entre os grandes, cedem, sem maiores contestações, diante dos interesses e das pressões dos países do chamado Primeiro Mundo, enquanto que estes não cedem nada, transformando essa relação injusta em dogma ideológico.

Na minha opinião, o artigo é extremamente interessante, tanto pela coerência das idéias nele contidas, como pela forma clara e inteligente com que tais idéias são abordadas. Concordo com o senador José Sarney quanto à necessidade de um posicionamento menos passivo de nosso País frente à globalização, que não deve ser encarada como dogmática e, por isso, incontestável. Como ressalta o autor do artigo, não podemos esperar que as grandes potências ajustem seus interesses à busca de um maior bem-estar social em nível global; nenhum argumento, por mais belo e humanitário que seja, os fará menos gananciosos e zelosos de seus próprios interesses. Finalmente, concordo com o senador no sentido de que o Brasil não deve ser tímido; deve negociar e exigir com coragem e plena compreensão de que tem direito a um espaço digno dentro dessa nova ordenação mundial.

RESENHA CRÍTICA

Sob a direção de Jonathan Demme, o filme *Filadélfia* (Philadelphia, EUA, 1993) conta a história - baseada em um caso verídico - de Andrew Becket (Tom Hanks), um advogado jovem e brilhante, que, logo após ser promovido a sócio de uma respeitada firma de advocacia norte-americana, é despedido em razão do preconceito contra o homossexualismo e à AIDS. Seu chefe, Charles Wheeler (Jason Robards), um velho advogado frio e preconceituoso, alega que a demissão teria sido motivada por incompetência, mas Becket acredita que o verdadeiro motivo foi a constatação de que ele era homossexual e portador do vírus da AIDS. Em busca de justiça, procura um advogado para a sua causa; nove recusam-se a acolhê-la, até que Joe Miller (Denzel Washington), um advogado negro e igualmente homofóbico, a aceita. Apesar da relutância inicial, Miller se compadece ao ver o colega, desempregado, doente e definhando, preparar sua própria defesa. Aos poucos, forma-se uma atmosfera de amizade, respeito e solidariedade entre Miller e Becket. A partir desse ponto, a história transcorre sob dois aspectos principais: a degeneração física de Becket e o desenrolar do processo movido contra sua antiga firma. O filme termina com a vitória de Becket no tribunal e sua morte em uma cama de hospital.

Trata-se de um filme belo e comovente. O enredo é uma adaptação da história real de Clarence B. Cain, advogado da Filadélfia, que é demitido do emprego duas semanas depois de contar a seus superiores que era aídético. Nesse caso verídico, ocorrido em 1990, o advogado processou seus antigos chefes, ganhou 157 mil dólares de indenização e morreu dois meses depois. Em minha opinião, o filme *Filadélfia*, ao documentar o calvário de seu personagem principal desde a primeira mancha na testa até o último suspiro em uma cama de hospital, tem um enredo sintonizado com a questão do politicamente correto, que tanto tem influenciado o comportamento da sociedade norte-americana nos dias de hoje. Nesse sentido, traz uma mensagem central muito clara: devemos atentar para nossos preconceitos, de maneira a mudar nossa maneira de pensar em relação às outras pessoas. O filme mostra não só a agonia de um personagem, mas também a redenção de outro; conforme vai ficando clara a aversão de Miller em relação aos hábitos homossexuais de Becket, mais os dois se aproximam. O ponto alto desse relacionamento é uma longa seqüência, a mais marcante do filme, em que Becket não quer ouvir as ponderações jurídicas de Miller, preferindo a ópera *Andrea Chenier*, de Umberto Giordano. Nesse trecho do filme, Becket dança abraçado ao suporte de um tubo de soro, enquanto Maria Callas canta: “*Foi durante aquele padecimento que o amor veio até mi.*”. Na seqüência, Miller volta para casa e abraça emocionado a mulher e a filha. Poucas vezes, o cinema mostrou uma cena tão impressionante ilustrando a solidão e o pavor que ela desperta. O filme foi um sucesso de bilheteria, e a atuação de Tom Hanks e Denzel Washington foram vitais para esse resultado. Além disso, obteve, meritadamente, dois prêmios da academia de cinema de Hollywood - o Oscar: melhor ator, para Tom Hanks, e melhor música original, para “*Streets of Philadelphia*”. O filme merece ser visto pela comovente história que conta e, principalmente, por contribuir para a ruptura de uma visão preconceituosa em relação à AIDS e estereotipada em relação às minorias, aos comportamentos considerados “anormais” e, em especial, às pessoas de orientação homossexual.